



Portas abertas para a *arte*

Rodrigo Pelot

Há 15 anos, um simples depósito empoeirado do pilotis do edifício Praia do Flamengo 200 foi transformado no Espaço Cultural FINEP. Desde então, o espaço antes ocupado por mesas e cadeiras velhas passou a abrigar as mais diversas manifestações artísticas e intelectuais, todas emolduradas por uma vista privilegiada do Pão de Açúcar. Palco de artistas consagrados, como a bailarina Ana Botafogo e o violonista Turíbio Santos, o local abriga espetáculos de dança, música, exposições, seminários, sempre com entrada franca.

Um dos destaques da programação é a série Concertos FINEP, que desde 1993 promove recitais semanais de música clássica. São em média 35 concertos por ano, sempre às terças-feiras, às 18h30. “Nossa prioridade é oferecer uma oportunidade para os novos talentos da música erudita brasileira. Daqui eles são naturalmente levados a palcos maiores, como a Sala Cecília Meireles e o Theatro Municipal”, afirma Helder Castro, organizador da série.

No total, apresentaram-se este ano 145 artistas, para um público acumulado que ultrapassou os 6 mil espectadores. Entre os jovens músicos que tiveram uma oportunidade está Aleyson Scopel. Aos 25 anos, ele hoje se destaca como um dos mais refinados pianistas do País, com premiações em diversos concursos no Brasil e no exterior. O último foi o de melhor brasileiro no Concurso Internacional de Piano Villa-Lobos da Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo, em 2006. A estréia de Aleyson em palcos cariocas aconteceu na FINEP, em julho do ano passado. Em outubro de 2007, realizou mais um recital. “Tocar no Espaço Cultural é sempre um prazer. Foi um lugar onde fiz amigos e vi minha carreira ser impulsionada”, revela.

Outras apresentações marcantes foram a da pianista japonesa Midori Maeshiro e a do grupo de cantores líricos formado por Lucia Bianchini, Fernanda Schleder, Jacques Rocha e Marcelo Coutinho. Natural de Osaka, Midori encantou o público com peças de Guerra-Peixe,

Mignone, Debussy e Liszt. A notável pianista possui no currículo uma apresentação para o imperador do Japão, Akihito, e sua mulher, a imperatriz Michiko.

Por sua vez, o grupo de cantores líricos impressionou com um segura interpretação de duetos da primeira ópera de Mignone, “O contratador de diamantes”, composta na década de 1920. O flautista Igor Levy fez uma participação especial. O programa incluiu ainda trechos das obras “O chalaça” e “L’innocente”, ambas de Mignone.

Nesses quinze anos, a curadoria da série foi feita pelo Centro Cultural Francisco Mignone, instituição que leva o nome de um dos principais compositores brasileiros do século XX. Presidida por Maria Josephina Mignone, viúva do músico, a entidade é parceira da FINEP desde a criação dos concertos.

Para o maestro Henrique Morelenbaum, após 14 anos ininterruptos de recitais, o público se acostumou a uma rotina saudável. “É como ir à missa”, brinca. Ele foi um dos jurados do III Festival Francisco Mignone de Jovens Intérpretes, este ano dedicado ao canto lírico. Promovido em setembro, dentro da série Concertos FINEP, o concurso envolveu 21 cantores de sete estados, selecionados entre 50 inscritos. Além de Morelenbaum, formaram o júri o compositor e maestro Edino Krieger e o jornalista e crítico de música, Clóvis Marques.

A vencedora foi a mezzosoprano Mere Oliveira, que, além de receber R\$ 4 mil, ganhou o direito de realizar duas apresentações: uma na Série Brasileira 2008, da Academia Brasileira de Música, e outra na sala de concerto da Rádio MEC. “O reconhecimento do júri e do público foi o maior estímulo que eu poderia receber”, diz. A 2ª colocada, Alzeny Nelo, recebeu R\$ 2 mil e o 3º, Evandro Cruz Stensowski, R\$ 1 mil. Ambos irão se apresentar no programa Música e Músicos do Brasil, da Rádio MEC. Já o prêmio especial “Ary Rodrigues Valle”, que ofereceu R\$ 1 mil para o melhor intérprete de Francisco Mignone, ficou com Geraldo Moraes.



*A bailarina Ana Botafogo
em apresentação no Espaço
Cultural FINEP*



Niemeyer no Atelier FINEP

No início do ano, a FINEP inaugurou as comemorações pelo centenário de Oscar Niemeyer com a realização da exposição "Produção contemporânea: 1996 – 2006". Aberta de 29 de janeiro a 29 de abril, a mostra atraiu mais de 100 mil pessoas ao Paço Imperial, no centro do Rio de Janeiro, onde os visitantes puderam conhecer um pouco da produção do arquiteto nos últimos dez anos.

Sob a curadoria de Lauro Cavalcanti, diretor do Paço, a exposição passou por cerca de 40 projetos, com destaque para o Museu de Arte Contemporânea e o

Caminho Niemeyer, em Niterói, o Serpentine Pavillion, em Londres, o Teatro do Parque Ibirapuera, em São Paulo, e o Museu de Brasília. Um livro comemorativo sobre a exposição deve ser lançado ainda este ano.

O evento fez parte do projeto Atelier FINEP, iniciativa realizada em conjunto com o Paço Imperial desde 1994. O objetivo é promover a produção brasileira contemporânea de artes plásticas. Nesses 13 anos, foram expostas obras de consagrados artistas, como Lygia Pappe, Anna Bella Geiger, Ivens Machado, Malu Fatorelli, Beatriz Milhazes, Tunga e Watercio Caldas.

Bambas do choro

Na primeira quinta-feira de cada mês, é a vez do choro invadir o Espaço Cultural. Sempre às 18h30, a série Instrumental FINEP abre as portas para alguns dos principais bambas do gênero. “Foi a forma encontrada para ajudarmos a resgatar e renovar a linguagem do estilo, que sofre muito com a falta de espaços para divulgação”, conta Celso Cruz, coordenador do projeto.

O violonista Maurício Carrilho e a cavaquinista Luciana Rabello são dois dos principais artistas que já se apresentaram, nomes consagrados que se destacam como músicos e líderes de um amplo movimento de preservação e renovação do gênero. “Conseguir apresentar nosso trabalho ao público tem sido cada vez mais difícil. Daí a importância da iniciativa da FINEP”, explica Maurício, sobrinho do lendário flautista Altamiro Carrilho.

O músico conta que, durante as apresentações no Espaço Cultural, é comum o bate-papo com a platéia. “A interação cria um ambiente bastante agradável e propício à interpretação dos choros. Além disso, a acústica é ótima e a organização impecável”, ressalta.

Em 2000, Maurício e Luciana tiveram participação ativa na criação da Escola Portátil de Música, onde lecionam até hoje. Focado no ensino do choro, o projeto reúne cerca de 600 alunos nas tardes de sábado no Centro de Letras e Artes da UFRJ, na Urca.

Segundo Luciana, que é irmã do cultuado violonista Raphael Rabello, o curso foi criado para atender a uma necessidade dos músicos mais jovens, que não tinham a oportunidade de tocar com os mais experientes. “Na minha época, os chorões cariocas costumavam se encontrar em um bar chamado Suvaco da Cobra, na Penha. Era um aprendizado e tanto”, lembra. Luciana está preparando um novo álbum, mas ainda sem data de lançamento prevista. “Às vezes falta tempo, pois tenho que me desdobrar em artista, professora, produtora, empresária, entre outras mil funções. Porém, o esforço vale a pena, pois no final do túnel há música”, diz.

A dedicação ao choro levou Maurício a compor, em 2005, pelo menos uma música por dia. O período de intensa criação resultou em 408 novas canções, em um projeto batizado de Anuário do Choro. Um pouco do resultado pode ser ouvido no mais recente trabalho do artista, o álbum Choro Ímpar, lançado em abril. Maurício abusa de compassos alternados que raramente são encontrados no estilo e, assim, aponta para novos caminhos. “O choro é uma música viva e precisa estar em constante desenvolvimento”, conclui.

Acompanhe a programação completa do Espaço Cultural FINEP no site da empresa. A sala fica na Praia do Flamengo, 200, Pilotis. ■



Luciana Rabello e Maurício Carrilho são presenças constantes no Instrumental FINEP